

29/4/55

"Um estadista da República"

Aproveito os dias de uma doença cacetisíssima para ler esse livro de Afonso Arinos de Melo Franco — "Um Estadista da República — Afrânio de Melo Franco e seu tempo" — e agora que o termino o meu sentimento maior é o de melancolia. Para contar a história de seu pai, Afonso teve de reconstituir, em grande parte, a história republicana, desde a Proclamação até meados do Estado Novo. Para os de minha geração isto faz o livro interessantíssimo, pois é história que em grande parte não conhecemos, nem da vida nem dos livros. E é daí certamente que me veio esse ataque de melancolia, dêsse relato de meio século de vida política nacional tão constantemente mesquinha, sem grandeza nem fé. Se tirarmos Rui Barbosa dêsse enredo, que resta nele que não seja vulgar? Só Rui, no mundo de nossa política interior, eleva sua voz acima do trivial das querelas personalistas; e por isso mesmo ele está sempre deslocado, como um grande ator no meio de uma peça vulgar de companhia mambembe.

Quem faz biografia de um homem público sempre corre o perigo de fazer do seu biografado o centro dos acontecimentos. O perigo é, naturalmente, maior quando se trata de filho escrevendo sobre o pai. A inteligência e o senso crítico de Afonso Arinos venceram esse perigo; nem um instante ele procura exagerar o papel do velho Afrânio nos acontecimentos e traça muito bem a história de um homem de superiores qualidades intelectuais e morais cuja vida é um esforço constante de adaptação ao meio sem quebra de sua dignidade; "um homem do presente", como ele diz. Muito típico das virtudes e das limitações que ainda hoje sentimos nas melhores figuras da política de Minas como por exemplo, para citar um que me vem ao acaso, o sr. Milton Campos.

Não tive a sorte de conhecer Afrânio de Melo Franco, mas a impressão que tinha de-

le, através do testemunho de homens que com ele conviveram, é bem essa que me dá o livro; sinto que o Autor teve a consciência de que seu retratado não precisava de retoques ou ampliações, e que a melhor homenagem que lhe podia render era mostrá-lo em tamanho natural.

O livro, por muitos motivos cheio de interesse e, desde logo, indispensável para quem quiser conhecer a história daquele meio século, é desigual em sua fatura. A necessidade de acompanhar os passos e preocupações do biografado faz com que o Autor examine com desigual atenção e profundidade certos fatos e certas épocas. Por exemplo: estuda muito bem a influência que teve sobre a vida mineira a crise do café em fins do século, e não faz uma única referência, ao tratar do movimento de 1930, da crise deflagrada pelo crack da bolsa de Nova Iorque que rompeu as estruturas políticas não só de nosso país como praticamente de toda a América do Sul, além de ter os mais profundos efeitos no mundo inteiro. Sem essa crise, que abalou profundamente a economia nacional, não é fácil imaginar a formação do ambiente revolucionário que permitiu a eclosão do movimento. Não há também nenhuma referência ao conflito de interesses dos capitais ingleses e norte-americanos em nosso país que, se não foi determinante, foi, entretanto, um dos fatores da grave cisão interna.

Não estou fazendo, com isso, uma crítica ao livro, mas mostrando que, para seguir a linha da biografia, o autor teve de sacrificar em muitos casos o interesse maior de uma história da República que ele, sem dúvida, estaria muito bem qualificado para escrever, e a qual esses três volumes oferecem subsídios altamente preciosos.

O leitor menos interessado em questões políticas e jurídicas nacionais e internacionais também ganhará lendo o livro, onde há algumas páginas de evocação pessoal cheias de beleza e emoção.

RUBEM BRAGA

313